



BEHAVIORISMO NO PARANÁ EM TEMPOS DE DITADURA MILITAR: O CASO DA UEL

Marcelo Mazzotti Bono Belascusa (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Carlos Lopes Eduardo (Orientador), e-mail: caedlopes@gmail.com, Carolina Laurenti (Co-orientadora), e-mail: laurenticarol@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de psicologia.

Ciências humanas / Psicologia / História, teorias e sistemas

Palavras-chave: Análise do comportamento, política, ditadura militar.

Resumo

O behaviorismo tem sido classificado por alguns críticos como uma vertente que favoreceria uma política autoritária, ligada a um posicionamento de direita e conservador. Coincidentemente é durante a ditadura militar 1964-1985 que o behaviorismo parece florescer em várias universidades brasileiras. No Paraná, o behaviorismo esteve fortemente vinculado no início do curso de psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), iniciado em 1972. Sobre esse período inicial do curso da UEL há discursos contraditórios. Alguns consideram que os professores behavioristas compactuariam com a direita, a favor do governo ditatorial. Outros defendem que esses professores seriam de esquerda, o que explicaria a perseguição sofrida por eles durante o regime militar. Esta pesquisa empírica de natureza historiográfica e exploratória, procurou enfrentar essa inconsistência nos discursos históricos, investigando os compromissos políticos dos primeiros analistas do comportamento do curso de psicologia da UEL. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro professores que participaram do início do curso de psicologia da UEL. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os resultados mostram que esses analistas do comportamento consideram-se vinculados à esquerda, o que acabou por resultar em perseguições políticas na época do governo militar, não só na UEL, mas também em outras instituições que ingressaram após terem sido demitidos. No entanto, isso não parece ter relação direta com o behaviorismo.

Introdução



O behaviorismo é uma vertente da psicologia que por muito tempo foi vinculado a um posicionamento político de direita, acusado de ser conservador, alienador e a favor da manutenção social (CARRARA, 2005). Esse tipo de crítica é difundido, sobretudo, nos discursos das ciências humanas, como psicologia social, sociologia e pedagogia. Aranha (1996), por exemplo, argumenta que o modelo norte-americano de educação tecnicista recebeu apoio da psicologia behaviorista, que, por sua vez, teria trazido para a educação os princípios experimentais e positivistas orientados por comportamentos observáveis e controláveis. Esse modelo pedagógico teria participado da educação brasileira justamente durante o período da ditadura militar.

A vinculação do behaviorismo com uma ideologia conservadora ganha força com o fato de que foi justamente durante o período militar que a análise experimental do comportamento cresceu e difundiu-se por várias universidades do Brasil (MATOS, 1998). No Paraná, o desenvolvimento da psicologia behaviorista começou de maneira mais consistente na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1972, com a criação do curso de psicologia. Atualmente, a história do curso de psicologia da UEL é contada por dois discursos bastante distintos. O primeiro discurso articula-se com a literatura crítica, colocando a vertente behaviorista como aliada do governo militar e vinculada à universidade justamente pelo seu envolvimento com a educação técnica (ALMEIDA, s.d.). O segundo discurso coloca em dúvida o primeiro, argumentando que a orientação behaviorista do curso de psicologia da UEL não garantiu a estabilidade do curso e não evitou perseguições políticas e até mesmo a demissão de vários professores ligados à vertente comportamental, durante o governo militar (GARCIA apud SANT'ANNA; REZENDE; SANT'ANNA, s.d.).

Diante desse panorama, esta pesquisa teve o objetivo de investigar o posicionamento político dos primeiros professores behavioristas do curso de psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa empírica de natureza historiográfica e exploratória, que buscou obter informações sobre o posicionamento político dos primeiros professores do curso de psicologia da UEL. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro professores. As perguntas eram guiadas por um roteiro de questões que versavam sobre a formação, a atuação no curso da UEL, o posicionamento político dos entrevistados.

A pesquisa foi executada em quatro etapas. A primeira etapa foi o contato inicial com os possíveis entrevistados, com o intuito de convidá-los a participar das entrevistas. Esse primeiro contato foi feito por telefone ou por



e-mail. A segunda etapa consistiu nas realizações das entrevistas, sendo que o local e o horário foram definidos pelos participantes. As entrevistas foram gravadas em áudio. A terceira etapa foi a transcrição das entrevistas na íntegra, gerando um material historiográfico com os depoimentos sobre o início do curso de psicologia da UEL e alguns elementos biográficos dos entrevistados. A quarta etapa foi a análise do material por meio da categorização e comparação dos depoimentos de modo a avaliar as convergências e divergências nas informações.

Resultados e Discussão

As informações obtidas nas entrevistas podem ser agrupadas em dois grupos. O primeiro grupo está relacionado à construção e desenvolvimento do curso e do currículo de psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Esse curso foi fundado por cinco professores vindos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), seus nomes são: Francisco Luiz Garcia, José Baus, José Carlos Simões Fontes, José Gonçalves Medeiros e Luiz Leite Monteiro. Com exceção dos professores Francisco Luiz Garcia e Luiz Leite Monteiro, cuja área de atuação era etologia, todos os demais professores tinham envolvimento com a psicologia comportamental.

Outra informação confirmada pelos entrevistados foi o papel do reitor da época, Ascêncio Garcia Lopes, para a construção do curso de psicologia. Dois dos entrevistados confirmaram que esse reitor tinha uma política de administração antimilitar e permitiu a construção de bibliotecas e laboratórios, além da contratação de mais professores para o curso. Essa contratação admitiu professores vindos de universidades de Brasília e São Paulo, sendo que pelo menos um deles já tinha problemas de perseguição do governo militar. Os professores contratados foram: Alcides Gadotti, Dione de Rezende, Erika Wobel, Heloísa Helena Nunes Sant'Anna, José Antonio Damásio Abib, Rodolpho Carbonari Sant'Anna, Takechi Sato, Vivaldo de Oliveira Reis Filho e Álvaro Junqueira. Todos esses professores eram vinculados a análise experimental do comportamento.

O segundo grupo de informações está relacionado aos problemas e as consequências de se viver em um período de ditadura militar. Segundo três entrevistados tudo teria começado quando o professor de psicologia José Carlos Pinotti, ao se tornar reitor, demitiu arbitrariamente o chefe do departamento de psicologia da época, professor José Antonio Damásio Abib, gerando a insatisfação de vários professores ligados à análise experimental do comportamento. Essa insatisfação culminou em outras demissões, o que gerou grandes mudanças na configuração do curso. As mudanças mais visíveis foram a saída de um grande número de professores de análise experimental do comportamento da universidade, o que ajudou na cisão do



curso em dois departamentos, psicanálise e análise experimental do comportamento. Posteriormente em três departamentos (psicologia social, psicologia geral e análise do comportamento, psicanálise), marcados por conflitos até hoje. Essa disputa entre vertentes (e depois entre departamentos) pode até mesmo ter gerado os boatos de que a análise do comportamento estava a favor do governo militar.

Conclusões

As perseguições sofridas por professores ligados à vertente comportamental na UEL não tiveram relação com a análise do comportamento. No entanto, do ponto de vista dos protagonistas do início da história do curso de psicologia da UEL, a vinculação do behaviorismo com a ditadura militar não se sustenta. Todos os entrevistados foram categóricos ao afirmar que os analistas do comportamento que estavam presentes no início do curso de psicologia da UEL posicionavam-se contra a ditadura militar. Alguns entrevistados defenderam, inclusive, que a análise experimental do comportamento seria uma tese de esquerda, uma vez que ao tornar clara as relações de controle e de poder, evitaria manter o sujeito alienado e permitiria a mudança no cenário político e nas relações sociais em geral. Além disso, nenhum dos entrevistados conseguiu apontar algum behaviorista que se posicionasse a favor do governo militar, e alguns argumentaram que isso seria contraditório com os próprios pressupostos filosóficos da teoria comportamental.

Agradecimentos

Agradeço aos participantes da pesquisa por se disponibilizarem a fornecer as informações, à Fundação Araucária por fornecer os recursos financeiros necessários para a realização dessa pesquisa, ao orientador Professor Dr. Carlos Eduardo Lopes e a co-orientadora professora Dra. Carolina Laurenti, por sempre estarem disponíveis a auxiliar a elaboração do projeto e na pesquisa em si.

Referências

ALMEIDA, P. L. **Um lado de Denise**. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, Disponível em: <http://www.uel.br/portaldoaposentado/entrevista/entrevista_35.php> Acesso em: 30 Ago. 2013.

ARANHA, M. L. A. A tendência tecnicista. In: **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1996, p.175-180.



CARRARA, K. **Behaviorismo radical: crítica e metacrítica**. 2a. ed. rev. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

MATOS, M. A. Contingências para a análise comportamental no Brasil. **Psicologia USP**, v. 9n. 1 p. 89-100, 1998.

SANT'ANNA, H. H. N.; REZENDE, D.; SANT'ANNA, R. C. **Um curso faz 25 anos: Psicologia..., UEL, ...1971-1996**. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/pgac/pages/historico/um-curso-faz-25-anos.php>> Acesso em: 13 Ago. 2013.